

# A indeterminação do sujeito no português rural de Bananal e Barra dos Negros – BA

Neila Maria Oliveira Santana

Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
neila.santana@ig.com.br

**Abstract:** This paper analyses the use of the resources of indetermination *nós* and *a gente* in the subject position by the speakers in the rural communities of Bananal and Barra dos Negros, located in Rio de Contas-BA. In order to explain the different distribution of these forms, social and linguistic factors based on Labov's Quantitative Sociolinguistics principles were identified.

**Key Words:** variation – personal pronouns – indetermination.

**Resumo:** Este trabalho analisa o uso dos recursos de indeterminação *nós* e *a gente* na posição de sujeito pelos falantes das comunidades rurais de Bananal e de Barra dos Negros, localizadas em Rio de Contas-Ba. Com o objetivo de explicar a diferente distribuição destas formas, foram identificados os fatores lingüísticos e sociais com base nos princípios da Sociolingüística Quantitativa Laboviana.

**Palavras-chave:** variação – pronomes pessoais – indeterminação.

## 1 Introdução

O uso das formas *nós* e *a gente* como recurso para indeterminar o sujeito é comum entre os falantes no Brasil. A gramática normativa (GN), entretanto, por raramente explicar fenômenos já consagrados na língua falada, apresenta apenas duas maneiras de se indeterminar o sujeito em português: pondo o verbo “(a) ou na terceira do plural; b) ou na terceira pessoa do singular, com o pronome *se*” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 125).

Comparando as prescrições da GN e o uso do sujeito indeterminado em diferentes modalidades da língua portuguesa, tanto oral quanto escrita, tanto popular quanto culta, podemos constatar que há uma grande diferença entre o que estas gramáticas prescrevem e o que realmente ocorre no português brasileiro.

A maioria das GN, arrolando de forma sistemática somente dois recursos indeterminadores do sujeito, ignora outros tantos que vigoram e fluem na língua. A abordagem feita por ela não leva em consideração o português falado e, conseqüentemente, não observa as transformações pelas quais o português tem passado.

Alguns trabalhos (MILANEZ, 1982; CUNHA, 1993; CAVALCANTE, 1998; GODOY, 1999) bem mostram, e de maneira semelhante, que o sistema lingüístico do português do Brasil conta ainda com outros recursos de indeterminação que não são citados pela GN, a exemplo de *nós*, *a gente*, *você(s)*, *ele(s)*,  $\emptyset$  + verbo na 3ª pessoa do

singular, Ø + infinitivo, além dos recursos tradicionais Ø + verbo na 3ª pessoa do plural e Ø + verbo + se.

Em nosso trabalho, o que pretendemos é analisar os ambientes lingüísticos e sociais que condicionam o uso dos pronomes *nós* e *a gente* como recursos de indeterminação do sujeito. Para isso, utilizaremos a metodologia variacionista.

## 2 Metodologia

Adotando a metodologia Sociolingüística Quantitativa Laboviana (SANKOFF, 1988), partimos de um *corpus* constituído de uma amostra de 12 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) recolhidas nas comunidades gêmeas de Bananal e Barra dos Negros, localizadas na zona rural do município de Rio de Contas, na Bahia, que faz parte dos *corpora* do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-árido Baiano”, desenvolvido pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Os inquéritos analisados envolvem seis informantes do sexo feminino e seis do sexo masculino, havendo uma distribuição proporcional de duas entrevistas de cada sexo pelas três faixas etárias: faixa 1 (15 a 35 anos), faixa 2 (36 a 55 anos) e faixa 3 (55-70).

## 3 Análise dos dados

Nos dados, foram identificadas várias possibilidades utilizadas pelo falante como recurso para se indeterminar o sujeito, tanto com formas com sujeito lexical (exemplos 1 a 3), quanto com formas sem sujeito lexical (exemplos 4 a 6), como podemos ver em alguns exemplos retirados do *corpus*:

- (1) DOC: E como é que planta cana?  
INF: Jeito que tem é *você* tomar a terra, se quiser tomar, né? Aqui pra nós, a maioria tomba. Acho que tem, tem arado, né? Aí, *você* vai e... e vai abrino as coveta. (B, 9, 138).
- (2) INF: ...Aqui *nós* ia panhar maniçoba e palmatória, não tinha nada de comer não. *Nós* já sofreu muito moça, ma hoje o povo ta todo vivo meu bem, graças a Deus! (B, 36, 313).
- (3) INF: Às vezes... às veze a gente alembra d’uma... *a gente* alembra de muitas coisa, mas esquece tombem, né? (B, 3, 25)
- (4) DOC: Como é que a senhora faz doce de mandioca?  
INF: *Rela* mandioca, *lava* muito bem lavada, *tira* a goma dela todinha, *passa* na peneira, *côa*, *põe* pa freventar... (B, 34, 265).
- (5) DOC: Morreu muita gente?  
INF: Morreu muita gente. Mas *dizem* que já tirou muito... muito ouro aí... Foi ouro. (B, 7, 83)
- (6) INF: Tem um rio aqui tomem, o povo gosta muito. Aqui *se* fala muito da Ponte do coronel, acha bom, mas é porque a gente tá costumado aqui com água, com tanque aí... (B, 8, 109).

Vemos que são vários os recursos utilizados pelo falante para indeterminar o sujeito em português, porém, neste trabalho, como dissemos na introdução deste artigo, restringimos nossa análise apenas aos indeterminadores *nós* e *a gente*.

Obtivemos um total de 1006 ocorrências, sendo 881 de *a gente* (88%) e 125 de *nós* (13%). Deste total, 560 são usadas pelas mulheres e 446 são usadas pelos homens. Quanto à idade, 364 dados são da faixa 1, 424 da faixa 2 e 218 da faixa 3. Identificamos, assim, ambientes lingüísticos e favoráveis ao uso de *a gente*.

Realizamos diversas rodadas do programa estatístico IVARB e os grupos selecionados como relevantes para aplicação da regra variável (valor de aplicação: *a gente*) foram:

- 1º Forma antecedente
- 2º Tempo/Modo verbal
- 3º Grau de indeterminação
- 4º Sexo associado à faixa etária
- 5º Tipo de verbo

Os outros grupos de fatores controlados (tipo de oração, mudança de referente e referência semântica do agente) não foram considerados pertinentes pelo programa. Analisemos, pois, em que consiste cada um dos grupos de fatores selecionados e os respectivos resultados.

A variável *forma antecedente*, atualmente rotulada de paralelismo nos diversos estudos de fenômenos do português e também de outras línguas (OMENA, 1986, SCHERRE, 1988, LOPES, 1993, MACHADO, 1995), consiste na repetição, pelo falante, de uma mesma forma numa seqüência discursiva.

Observemos um exemplo de uma estrutura paralela de nosso *corpus*:

- (7) INF: (...) *a gente* trabalhava lá na beira daquela parede daquela barragem lá, em Rio de Conta. *A gente* trabalhava pertim daquela barragem... *nós* saiu de lá porque a água invadiu, se não acho que até hoje a *nós* tava lá. (B, 34, 254).

Neste exemplo, o falante escolhe a forma *a gente* (1ª referência), designando as pessoas que moram na comunidade, incluindo-se também no contexto. Em seguida, usa novamente a forma *a gente* – precedida de *a gente*. Utiliza depois duas vezes a forma *nós*, o primeiro precedido por *a gente* e o segundo precedido por *nós*, repetindo a mesma forma.

**Tabela 1: Influência da variável forma antecedente no uso de *a gente*.**

Grupo/Fator: Forma Antecedente	Nº/Total	Freq. %	P. R.
a gente implícito	189/191	99	0,84
a gente explícito	297/303	98	0,76
1ª forma de uma série	190/221	86	0,29
forma isolada	154/187	82	0,23
nós explícito	12/44	27	0,03
nós implícito	1/19	5	0,01

A tabela 1 mostra que no momento em que o falante seleciona uma forma, tal escolha influenciará no uso das formas subseqüentes, a ocorrência de um determinado

pronome tende a desencadear uma série de repetições confirmando o paralelismo existente entre as formas. Assim, observamos que a maior frequência para a forma *a gente* está nos enunciados em que seu antecedente formal também é *a gente* tanto implícito (0,84) quanto explícito (0,76).

As demais posições favorecem ao uso da forma *nós*. Os dados mostram que há maior probabilidade para o uso de *nós* quando o seu antecedente é também *nós* com sujeito explícito ou não. Observamos ainda que este pronome tem também alta probabilidade quando é primeira forma de uma série ou quando é uma forma isolada.

**Tabela 2: Influência da variável tempo/modo verbal no uso de *a gente*.**

<b>Grupo/Fator: Tempo/modo verbal</b>	<b>Nº/Total</b>	<b>Freq. %</b>	<b>P.R.</b>
Presente do Indicativo	632/683	93	0,57
Pretérito Perfeito do Indicativo	32/49	65	0,17
Pretérito Imperfeito do indicativo	100/149	67	0,31
Infinitivo	83/91	91	0,51

Com relação ao *tempo/modo verbal*, as maiores probabilidades são para o uso de *a gente* com o presente do indicativo (0,57) e a forma nominal de infinitivo (0,51). Já o pronome *nós* tende a ocorrer com os tempos do pretérito tanto perfeito quanto imperfeito do indicativo. Comportamento similar foi detectado nas pesquisas de Cunha (1993) e Machado (1995).

Para analisar o *grau de indeterminação*, definimos, seguindo o que foi proposto por CUNHA (1993), três graus de indeterminação de acordo com a referência ao contexto:

- Indeterminação completa – quando não há possibilidade de recuperação do referente dentro do contexto.
- Indeterminação parcial com referência implícita no contexto – quando o referente não está presente no texto, mas pode ser depreendido do contexto através de inferência.
- Indeterminação parcial com referência explícita no contexto – quando há uma relação com um determinado referente possibilitando sua interpretação, sendo este recuperado por meio de inferência.

**Tabela 3: Influência da variável grau de indeterminação no uso de *a gente*.**

<b>Grupo/Fator: Grau de indeterminação</b>	<b>Nº/Total</b>	<b>Freq. %</b>	<b>P.R.</b>
Indeterminação completa	292/301	97	0,72
Indeterminação parcial com referência implícita no contexto	554/665	83	0,40
Indeterminação parcial com referência explícita no contexto	35/40	88	0,52

Ao analisar a tabela 3, observamos que o maior grau de indeterminação refere-se ao pronome *a gente* (0,72). Com um peso relativo um pouco menor (0,52) a indeterminação parcial com referência explícita no contexto favorece o uso desta forma. O pronome *nós* tem seu uso um pouco mais intenso quando a indeterminação é parcial com referência implícita no contexto.

O fator *sexo* associado à *faixa etária* foi selecionado em 4º lugar dentre os grupos selecionados. Ao examinar a distribuição das formas *nós* e *a gente*, em relação ao sexo, observamos que as mulheres indeterminam mais o sujeito de seus enunciados (56%) do que os homens (44%).

Na tabela 4, examinamos com mais detalhes estes resultados.

**Tabela 4: Influência das variáveis sexo e faixa etária no uso de *a gente*.**

Grupo/Fator: Faixa etária	Homens			Mulheres		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	P.R.
Faixa 1	123/145	85	0,39	200/219	91	0,55
Faixa 2	144/173	83	0,47	236/251	94	0,65
Faixa 3	107/128	84	0,42	71/90	79	0,30

Nesta tabela, os resultados mostram que a forma *a gente* é mais utilizada pelas mulheres da faixa 2 (0,65) e da faixa 1 (0,55). Já entre os homens, o uso de *a gente* é pouco relevante, sendo a forma *nós* a mais empregada em todas as faixas.

De acordo com esses resultados, poderíamos dizer que há um certo conservadorismo na fala dos homens, diferente das mulheres que há uma inovação em relação ao uso destas formas de indeterminação do sujeito.

**Tabela 5: Influência da variável tipo de verbo no uso de *a gente*.**

Grupo/Fator: Tipo de verbo	Nº/Total	Freq. %	P.R.
Transitivo	720/812	89	0,52
Intransitivo	131/153	86	0,47
Cópula	30/41	73	0,23

O último grupo selecionado foi o *tipo de verbo*. Como vemos na tabela 5, o uso de *a gente* é mais influenciado com os verbos transitivos (0,52). Para o uso de *nós*, o verbo copulativo é o mais utilizado, seguido dos verbos intransitivos.

#### 4 Considerações finais

A indeterminação pronominal do sujeito, especialmente quando expressa pelas formas *nós* e *a gente*, mostrou-se um fenômeno sensível a condicionamentos lingüísticos e sociais. Percebemos que a variação *nós* e *a gente* também se dá quando os pronomes são indeterminados, havendo porém contextos que propiciam a escolha de uma e não de outra forma.

Em síntese, destacamos as tendências gerais quanto ao uso de *nós* e *a gente* como formas de indeterminação do sujeito no português de Bananal e Barra dos Negros:

- 1) a forma *a gente* ocorre quando precedida de outra forma *a gente*. O mesmo acontece com a forma *nós* que se repete no paralelismo discursivo. Entretanto, quando muda o referente, a forma escolhida pelo falante também se altera;
- 2) a forma indeterminadora *a gente* ocorre com presente do indicativo e com a forma nominal de infinitivo; já a forma *nós* com os tempos do pretérito do indicativo;
- 3) há uma diferenciação no uso de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais genérico ou mais restrito. O falante utiliza a primeira forma indeterminadora quando faz referência a uma indeterminação parcial implícita, enquanto que

escolhe *a gente* quando faz referência a indeterminação completa e a indeterminação parcial explícita;

- 4) as mulheres das faixas 1 e 2 tendem a usar mais o indeterminador *a gente* e os homens, de qualquer faixa, usam mais a forma *nós*;
- 5) o tipo de verbo mostrou-se relevante apenas para o uso de *nós*.

Concluimos basicamente que a indeterminação expressa pelas formas *nós* e *a gente* mostrou-se um fenômeno condicionado a determinados ambientes lingüísticos e sociais. Observamos também que existem contextos que propiciam a escolha de uma ou de outra forma, havendo, assim, variação no uso desses pronomes também quando são indeterminados.

### Referências bibliográficas

- CAVALCANTE, Vilma Maria Reis. *A indeterminação do sujeito no português oral culto de Fortaleza – CE*. 1998. 108 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luis Felipe L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Cláudia de Souza. *Indeterminação pronominal do sujeito*. 1993. 111 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GODOY, Maria Alice Maschio. *A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolingüística*. 1999. 128 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Universidade Federal do Paraná, Paraná.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. 1993. 140 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MACHADO, Márcia dos Santos. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”*: variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. 252 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MILANEZ, Wânia. *Recursos de indeterminação do sujeito*. 1982. 143 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. IN: NARO, Anthony et alii. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro, UFRJ. v. 2., p. 286-319, 1986
- ROLLEMBERG, Vera et al. Os pronomes pessoais sujeito e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador, n. 11, p. 53-74, 1991.
- SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich et alii (eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português: percurso histórico*. 1988. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.